



FORMAÇÃO ESTÉTICA, DOCÊNCIA E ARTES VISUAIS

VISUAL ARTS, TEACHING AND AESTHETIC FORMATION

FORMACIÓN ESTÉTICA, DOCENCIA Y ARTES VISUALES

Daniel Bruno Momoli

Doutor em Educação

Universidade Estadual do Paraná-Unespar

Curitiba, Paraná – Brasil.

danielmomoli@hotmail.com

Resumo: Perguntar sobre uma possível formação estética na/para a docência em artes visuais pode parecer uma obviedade, no entanto, a partir de um levantamento de textos realizados em quatro eventos de referência para as áreas da Arte e da Educação, a saber, as Reuniões da ANPEd, os Encontros da ANPAP, do ENDIPE e o Congresso da FAEB, foi possível identificar que as relações entre os temas da estética, da docência e das artes visuais são distintas e apontam para diferentes questões dentro do campo da formação docente. As produções analisadas sob a inspiração dos estudos sobre o Discurso de Michel Foucault são textos que foram publicados entre os anos de 2008 e 2015. Neles, foi possível identificar um sistema de regularidades e dispersões que colocou em visibilidade a existência de quatro tendências na maneira como os temas da arte, da docência e da formação estética são colocados em relação. Ao final do texto, proponho algumas questões para problematizar o que temos feito em relação à formação de docentes em artes com o intento de lançar pistas sobre a questão que mobilizou o estudo à dimensão estética da formação de docentes de artes visuais.

Palavras-chave: artes visuais; docência; formação estética; licenciatura.

Abstract: Asking about a possible aesthetic formation for teaching in visual arts may seem obvious, however, based on a survey of texts carried out in the archives of four important events for the areas of Art and Education in Brazil, they are: “Reunião Anual da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação – ANPEd”; “Encontro Nacional da Associação Nacional de Pesquisadores em Artes Plásticas – ANPAP”; “Encontro Nacional de Didática e Prática de Ensino – ENDIPE”; “Congresso da Federação de Arte Educadores do Brasil – CONFAEB”, it was possible to identify that the relationships between the themes of aesthetics, teaching and visual arts are distinct and point to different issues within the field of teacher education. The texts were analyzed under the inspiration of Michel Foucault's discourse analysis, texts that were published between the years 2008 and 2015. In them, it was possible to identify a system of regularities and dispersions that made visible the existence of four trends in the ways in which they are placed in relation to the themes of art, teaching and aesthetic formation. At the end of the text, I propose some questions to problematize what we have done in relation to the training of teachers in arts with the intention of launching clues on the issue that mobilized the study the aesthetic dimension of the study of teachers of visual arts.

Keywords: visual arts; teaching; aesthetic formation; graduation.

Resumen: Preguntar por una posible formación estética en/para la enseñanza de las artes visuales puede parecer una obviedad. Pero durante una investigación sobre conferencias presentadas entre 2008 y 2015 en cuatro eventos brasileños vinculados a las áreas de Arte y Educación, a saber: “Reunião Anual da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação – ANPEd”; “Encontro Nacional da Associação Nacional de Pesquisadores em Artes Plásticas – ANPAP”; “Encontro Nacional de Didática e Prática de Ensino – ENDIPE”; “Congresso da Federação de Arte Educadores do Brasil – CONFAEB”, fue posible identificar diferentes relaciones entre los temas de la estética, la enseñanza y las artes visuales. Los análisis se realizaron a partir de los estudios sobre el Discurso de Michel Foucault y permitió identificar un sistema de regularidades y dispersiones que dio visibilidad a la existencia de cuatro tendencias en los modos en que se relacionan los temas del arte, la enseñanza y la formación estética. Al final del texto, propongo algunas preguntas para problematizar lo que venimos haciendo en Brasil en relación a la formación de profesores en artes con la intención de arrojar pistas sobre la cuestión que me llevó a estudiar la dimensión estética de la formación de profesores de artes visuales.

Palabras clave: artes visuales; formación estética; maestros; actividad docente.

Para citar - (ABNT NBR 6023:2018)

MOMOLI, Daniel Bruno. Formação estética, docência e artes visuais. *Eccos - Revista Científica*, São Paulo, n. 62, p. 1-18, e16697, jul./set. 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.5585/eccos.n62.16697>.

A pergunta sobre uma possível formação estética na/para a docência em artes visuais pode parecer um tanto quanto óbvia. Essa relação entre estética, docência e artes visuais no contexto da formação inicial de docentes de arte é tratada como “natural”, pois os conhecimentos artísticos e as práticas artísticas são eixos centrais nos cursos de Licenciatura em Artes Visuais, cujas concepções estão baseadas nos “conhecimentos” e “competências” (PARECER CNE/CP N°1/2002 e PARECER CNE/CES N°280/2007) para a produção, a pesquisa, a crítica e o ensino das artes visuais.

Ao fazer tal questionamento, tento provocar um giro nas noções de formação que têm guiado os estudos sobre a formação inicial de docentes de artes visuais no Brasil e, assim, tento apontar para a necessidade de pensar a estética não somente como uma disciplina filosófica que compõe o currículo desses cursos, mas, enquanto uma dimensão da formação que tem sido alijada das discussões, pois o tema, como afirma Michel Foucault, parece estar “desde sempre aí” na base política dos saberes que estruturam os curso de graduação da área de Arte. Ao pensar na estética como um campo de possíveis, estaríamos provocando aberturas para pensar nos modos de existência que podem vir a ser inventados no âmbito das Licenciaturas em Artes Visuais, formas de ser que se realizam como prática e que se dão não só pelo saber especializado da arte, mas com as substâncias advindas das práticas utilizadas na formação de docentes e a sua relação com a produção do pensamento sobre a docência em Artes Visuais.

O impulso para provocar esse giro foi disparado a partir de um exercício de desfazer as conexões estabelecidas entre os temas da estética, da formação e da docência em artes visuais, durante um trabalho de análise de textos encontrados em um levantamento de produções bibliográficas publicados no formato de textos em Anais de eventos da área de Educação e Arte para conhecer o que já foi dito e escrito sobre a relação entre a estética e a formação docente no Brasil. O levantamento dessas produções foi realizado nos arquivos de quatro eventos que são considerados como referências nacionais pelas áreas de Educação e Arte em nosso país, sendo dois da área da Educação: as reuniões nacionais da ANPEd e os encontros do ENDIPE; e dois da área de Arte : os encontros nacionais da ANPAP e os congressos da FAEB (CONFAEB).

A composição de uma gestualidade investigativa

O interesse em estudar a dimensão estética da formação inicial de docentes de artes visuais, a partir dos textos apresentados nesses eventos, exigiu a composição de uma gestualidade investigativa para operar sobre as “materialidades enunciativas” (FOUCAULT,

2010), que foram sendo identificadas nos documentos analisados. Os documentos encontrados nos arquivos de cada evento estavam nos Anais publicados entre os anos de 2008 e 2015, pois o marco inicial dessa busca foi a pesquisa desenvolvida por Silva (2010), um estudo feito com as produções científicas das áreas de Educação e Artes feitas entre os anos de 1989 e 2007¹.

O percurso investigativo compreendeu duas etapas. Na primeira etapa, foi feita uma busca pelos trabalhos apresentados nos quatro eventos com os seguintes descritores: formação estética, formação inicial de docentes, e formação de docentes de artes visuais. A partir da leitura dos títulos, resumos e palavras-chave foram identificados 73 textos: ANPEd (22 textos), ANPAP (25 textos), ENDIPE (17 textos), CONFAEB (nove textos)².

A segunda etapa foi a delimitação dos aspectos que seriam explorados em cada texto, para isso, foram demarcados três domínios: *a identificação das noções de arte, docência e formação colocadas em funcionamento por cada autora/autor; as práticas artísticas e pedagógicas colocadas em visibilidade em cada texto e a maneira como eram feitas (e se eram feitas) as relações entre arte, formação estética e docência*. Após a leitura dos textos, foi organizado um inventário com os “elementos discursivos” (FOUCAULT, 2010) encontrados em cada documento. Cada um dos inventários, foi constituído por um conjunto de listas com as seguintes informações: palavras chaves; nome de autoras/es, universidades de vinculação de autoras/es, referenciais teóricos e referenciais artísticos.

Os documentos encontrados nos arquivos de cada evento são variados e vão desde estudos desenvolvidos no âmbito de cursos de pós-graduação (mestrado e doutorado), projetos de extensão e pesquisa realizados em universidades e institutos federais, estudos de caso a partir das experiências cotidianas vividas por docentes em salas de aula (tanto da educação básica quanto do ensino superior). Embora diferentes em seus formatos e com vocabulários específicos, cada texto obedece as regras do lugar em que foi inscrito e, assim, colocam em visibilidade “um conjunto de rituais, passos, coisas a fazer, regras de conduta, respostas e perguntas esperadas, normas a obedecer, olhares eloquentes, disposições espaciais, objetos indispensáveis aquela prática, junto com uma série de enunciações, de palavras, de imagens” (FISCHER, 2012, p.106), sendo entendidos aqui como gestos e fatos que se sucedem e vão para além da escrita, pois indicam, a partir de sua complexidade, uma certa base política do saber onde (a partir dos estatutos dos saberes artísticos e pedagógicos) são feitas determinadas negociações entre os campos da Arte e da Educação no âmbito da formação docente.

¹ O período delimitado para a investigação foi o ano seguinte à pesquisa feita por Silva até o ano de início desse levantamento realizado no âmbito de uma tese de doutoramento em educação no Programa de Pós-graduação em Educação na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, desenvolvida sob a orientação da Professora Dra. Luciana Gruppelli Loponte. Para saber mais, consultar Momoli (2019).

² Aqui neste estudo, não são apresentados todos os textos. A opção foi por apresentar aqueles que se constituem como exemplos de materialidade discursiva, utilizados para colocar em visibilidade os sistemas de regularidade e dispersão presentes nos arquivos analisados.

A construção do objeto de estudo foi feita com textos avaliados e aprovados pelos comitês científicos de cada um dos quatro eventos - ANPEd, ANPAP, ENDIPE e CONFAEB. Ao trabalhar com os documentos que estão nos arquivos desses eventos, foi possível problematizar determinadas correlações “entre os campos de saber, tipos de normatividade e formas de subjetividade” (FOUCAULT, 1994, p.10) presentes em cada um dos documentos. Ao abrir os arquivos de cada evento e examiná-los em suas camadas, foi possível compreender o funcionamento das relações colocadas em jogo em cada texto, foi preciso “desmontar os encaixes” (PARAÍSO, 2012), que foram criados para colocar em relação os temas da docência, das artes visuais e da estética nesses quatro eventos:

a) Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação - ANPEd

A pesquisa nos anais dos encontros nacionais da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-graduação em Educação – ANPEd foi uma escolha a partir do reconhecimento das atividades dessa associação que atua, desde 1978, no desenvolvimento e na consolidação do ensino de pós-graduação em pesquisa na área da educação no Brasil e pela produção que, dela, advém para fomentar e analisar políticas públicas educacionais. O encontro dos associados acontece em reuniões científicas, atualmente, realizadas a cada dois anos. As pesquisadoras e pesquisadores organizam-se entre os 23 Grupos de Trabalho – GT que compõem a estrutura da entidade. Para esse levantamento, foram feitas buscas nos GTs Educação e arte, Formação de professores, Currículo, Gênero e educação, Filosofia da educação e Ensino fundamental, pois são espaços cujos interesses temáticos eram favoráveis à recepção de textos que abordam a relação entre estética, formação docente e artes visuais.

Nos textos encontrados nos anais da ANPEd, a noção que possui mais força é a da formação. O tema é abordado a partir de perspectivas distintas e refere-se a processos e práticas pensados de maneira ampla e que perpassam um projeto formativo para a docência em arte – e de outras áreas também –, não se restringindo, exclusivamente, a pensar o enlace entre estética, docência e formação a partir do domínio de um saber específico, como, por exemplo, ensino de arte, metodologia de ensino de arte, fundamentos da arte na educação.

b) Associação Nacional de Pesquisadores em Artes Plásticas - ANPAP

A Associação Nacional de Pesquisadores em Artes Plásticas – ANPAP é uma entidade que foi criada em 1987 pela articulação de artistas, professores e pesquisadores e permitiu a consolidação da área na produção do conhecimento em artes visuais no Brasil. A ANPAP congrega pesquisadores, centros e instituições de pesquisa para promover, desenvolver e divulgar pesquisas no campo das artes visuais e está organizada em cinco comitês a partir dos grandes temas da área: história, teoria e crítica das artes; poéticas artísticas; educação em artes visuais; curadoria; patrimônio, conservação e restauro.

A pesquisa nos anais dos encontros da ANPAP foi motivada pela relevância da atuação dessa associação no campo da arte e por existir, desde a sua criação, um comitê específico ligado ao tema da educação em artes visuais, o que permitiu que se fomentasse a produção e a divulgação das pesquisas realizadas na época, bem como a expansão e a consolidação do campo específico de educação e arte no Brasil. Nos textos dos Anais da ANPAP que foram analisados, foi identificada uma afirmação que se repetiu constantemente sobre a uma suposta necessidade do acesso de docentes em formação a práticas de produção artística. Essa necessidade assentava-se sob argumentos que defendem a originalidade dos processos de criação e do interesse de criar algo que ainda não existe. As práticas descritas são variadas e vão desde as formas tradicionais (da pintura, do desenho, da escultura) até as híbridas (a videoarte, o cinema, performance, o *happening*) e dão-se em múltiplos contextos, como ateliês, oficinas, laboratórios, visita a ateliês de artistas e visita as exposições de arte.

c) Encontro Nacional de Didática e Prática de Ensino - ENDIPE

Os encontros do ENDIPE são realizados bianualmente e são marcados pela pluralidade de discussões que envolvem os processos educacionais de todos os níveis de ensino. As primeiras atividades desse encontro foram organizadas entre o final dos anos 1970 e início dos anos 1980 com interesse em gerar questionamento em torno dos fundamentos, das concepções, das orientações políticas e dos modos como a educação era, então, praticada nas escolas brasileiras. O evento, assim como a ANPEd, tem sido um espaço de referência para o avanço da produção de conhecimento na área da educação e formulação de propostas e políticas de formação. No trabalho com os arquivos do ENDIPE, foram considerados os anais de quatro edições: 2008, 2010, 2012, 2014.

A partir dos textos que foram analisados, ficaram em visibilidades dois pontos de confronto que caracterizam o conjunto de materiais produzidos a partir dos documentos

encontrados nos arquivos do evento. O primeiro ponto refere-se ao pensamento da arte como disciplina e uma visível insistência em justificar a arte na educação com a utilização das palavras “importante” e “fundamental”. O segundo ponto diz respeito à insistência do pensamento de arte como “livre-expressão”, multiplicado em torno de justificativas que utilizam argumentos que valorizam o “íntimo”, o “pessoal” e a busca de uma essência do professor em formação para que ele possa “cultivar a imaginação da criança”, sem interferir nas atividades desenvolvidas por elas.

d) Congresso Nacional da Federação de Arte Educadores do Brasil -CONFAEB

O Congresso da Federação de Arte-educadores do Brasil - CONFAEB é um evento organizado anualmente pela Federação de Arte-educadores do Brasil – FAEB. A história do Congresso e da Federação faz um mesmo percurso, pois surgem juntas, no final dos anos 1980. Desde a sua criação, a FAEB empreendeu um vigoroso movimento nacional em favor da presença da arte na educação brasileira e na mobilização de debates em torno das políticas públicas da arte na educação. A FAEB surgiu a partir dos movimentos regionais criados em São Paulo (Associação de Arte/Educadores de São Paulo - AESP), Paraíba (Associação Nordestina de Arte/Educadores – ANARTE), Rio Grande do Sul (Associação Gaúcha de Arte-Educação – AGA) e Distrito Federal (Associação de Arte-Educadores do Distrito Federal - ASAEDF), sendo que, atualmente, congrega associações, pró-associações e núcleos regionais que abrangem todos os estados do país.

Os Anais constituem significativo acervo de documentos e materiais sobre a arte e o seu ensino no Brasil, visto que o CONFAEB já foi realizado em vários estados brasileiros, não se restringindo a uma atuação entre o eixo sul-sudeste. Nos documentos encontrados nos anais do CONFAEB, emergem duas questões. A primeira questão é referente a uma certa noção de “educação estética” na/da formação de docentes de artes visuais. Nos textos encontrados nos arquivos desse evento, a educação estética é considerada como o resultado final de todo um percurso que considera desde as vivências com as práticas artísticas até as visitas a museus e exposições, sendo que, nesse entendimento, a educação estética é um fim ao qual se chega. A segunda questão é uma prática que perpassa vários dos textos encontrados nos arquivos do evento, trata-se de um exercício de produção de um tipo de “escrita reflexiva” como parte de um processo “para o desenvolvimento crítico” do olhar ou do pensamento dos docentes em formação.

Nem todos os textos encontrados nos Anais dos quatro eventos abordam diretamente a dimensão estética da formação docente, assim como nem todos estão interessados na formação de docentes de artes visuais, mas, nos textos encontrados nos arquivos desses eventos, foi possível localizar um conjunto de materiais que permitiu a identificação de um certo “sistema de dispersão” (FOUCAULT, 2010) e um complexo feixe de relações entre a estética, a docência e as artes visuais que se movimentam constantemente e cruzam-se por entre um e outro material. As autoras e autores dedicaram-se a propor arranjos teóricos e articulações conceituais entre os campos da Arte e da Educação com o intuito de pensar diferentemente a formação docente a partir de apostas sobre as possibilidades que advêm das práticas artísticas.

Utilizar esses materiais e não outros como os periódicos de estratificação elevada, ou mesmo teses e dissertações dá-se porque esses textos (em Anais de eventos) atingem diferentes públicos. Não se trata de um bloco único, um tecido espesso e duro, é uma multiplicidade que se espalha e pulveriza por diferentes contextos. As palavras ditas nesses eventos nem sempre chegam até os periódicos com maior estratificação, assim, o meu interesse foi investigar documentos poucas vezes citados e/ ou indicados como fonte de pesquisa e que permitem chegar o mais próximo possível das estratificações das relações de saber e poder que têm sido constantemente reinventadas na política da produção do conhecimento artístico. A partir dos materiais encontrados nos arquivos de cada evento, foi possível identificar uma certa regularidade nas composições teóricas e artísticas entre os campos da Arte e da Educação e, devido a isso, a opção é apresentá-las no formato de tendências sobre as maneiras como artes visuais, a docência e estética têm sido colocadas em relação.

Tendências sobre uma possível dimensão estética da formação de docentes de artes visuais no Brasil.

Na insistente tentativa de responder a interrogação sobre uma possível dimensão estética na/da formação inicial de docentes de artes visuais, foi preciso conhecer “o que já foi dito, pesquisado, significado, escrito, publicado, divulgado sobre o objeto que escolhemos para investigar” (PARAÍSO, 2012, p.37), juntando as partes que podem ser consideradas comuns, diferentes, distintas, contrárias e conflitantes para problematizar aquilo que temos feito em nosso próprio campo de atuação. A partir das materialidades enunciativas encontradas nos arquivos dos quatro eventos, foi possível identificar quatro tendências nos textos que abordam as relações entre os temas da estética, da docência e das artes visuais, que são: *a estética como um tipo de intervenção política do coletivo; a estética como dispositivo de reflexão e*

transformação; a estética como linguagem expressiva; e a estética como experiência artística formal.

A *estética como um tipo de intervenção política do coletivo* é uma tendência em condições de emergência em textos que são produzidos a partir da dissolução das fronteiras das noções de arte, educação e filosofia. Nessa tendência, as práticas artísticas estão alinhadas às artes visuais contemporâneas, pois, nela, há uma potencialidade capaz de tornar visível o próprio visível e de dar a ver e indagar os modos de funcionamento que constituem a partir de elementos da atualidade as formas de uma possível experiência estética, ética e política. Assim, nesse conjunto de textos, a arte seria um tipo de prática que é estética, pois, diz respeito aos gestos cujas forças são capazes de modelar as formas e os processos de formação da subjetividade docente.

Autoras como Farina (2008a,2008b,2010,2010b,2012) tem se movimentado entre os domínios da arte, da educação e da formação docente sem impor uma forma modelar sobre como relacionar-se com a arte. Antes, são proposições que se abrem para conexões múltiplas com conhecimentos que rompem com um certo hermetismo das práticas artísticas. A intensidade desse tipo de relação favoreceria, de acordo com a autora, uma certa “desterritorialização”, na medida que certos acontecimentos seriam “capazes de afetar, tocar, excitar, provocar abalos” (FARINA, 2008b, p.6), pequenos ou grandes desmoronamentos e alterar os modos de viver dos indivíduos na medida em que permitem também um tipo de reterritorialização. Assim, a experiência gerada pelas práticas artísticas estaria assentada sob um certo tipo de “política do sensível” (FARINA, 2010a), um modo de relação, percepção e produção do real que se constitui a partir de uma rede de forças políticas, culturais, tecnologias, econômicas e sociais.

Nessa mesma esteira, Loponte (2008,2009,2010,2012) propõe pensar a arte como metáforas para a criação e para a vida para favorecer um tipo de invenção de uma forma própria de docência. A partir da pergunta “o que a docência pode aprender com os/as artistas?” a autora propõe desestabilizar as relações entre as noções de sujeito e verdade na tentativa de romper com a linearidade do pensamento, que caracteriza o trabalho docente, provocando um deslocamento em torno da busca limitada e estéril que se faz em torno dos modelos para a docência. Ao questionar se não teríamos muito a aprender com as/os artistas, a autora propõe pensar na potencialidade de uma “estética de si docente” (LOPONTE, 2010), um diferir-se permanentemente do que se é, um tipo de inquietude que seria capaz de levar-nos ao desacomodamento. Ao fazer isso, a autora alarga os limites que constituem o campo da

docência que pode vir a ser “um lugar privilegiado de experimentação e transformação de si” (LOPONTE, 2009, p.3).

Ainda nessa mesma perspectiva, Dias (2009) propõe uma formação inventiva a partir do conceito deleuziano de minoridade. Para a autora, ao reabilitar outras racionalidades com as sonoridades e a literatura no âmbito da formação docente, é possível, por exemplo, enlaçar os distintos saberes que compõem a formação, sem, no entanto, fazer promessa alguma sobre a escola ou sobre a docência. Antes disso, seriam gestos capazes de impulsionar ações que favorecessem um deslizamento das estruturas que permanecem fixas na formação docente. A aposta nessas relações é feita pela própria autora com base na criação de “outros modos de viver-trabalhar, aprender e não apenas instrumentalizar o outro” (DIAS, 2009, p.8-9).

As operações realizadas por essas autoras são feitas a partir de um lastro teórico formado pelo pensamento de Suely Rolnik, Virginia Kastrup, Michel Foucault, Gilles Deleuze, Félix Guattari e Friederich Nietzsche, na tentativa de provocar um distanciamento da estética como um saber autônomo e uma disciplina do campo filosófico. A formação seria, assim, um tipo de construção coletiva para que se possa investir em uma consciência de si em relação aos outros e ao mundo.

A estética como um dispositivo de reflexão e transformação é uma tendência cujas condições de visibilidade está no entorno de uma certa noção de reflexão. O indivíduo ao ter algum tipo de experiência com arte na formação seria capaz de atingir, por meio de um processo de escrita, um certo nível de relação consigo mesmo que o tornaria melhor. Nessa tendência, o argumento utilizado para defender o contato do docente em formação com a arte indica que, por meio de determinadas práticas estéticas, é possível chegar a um nível elevado de compreensão da realidade, além disso, ao vivenciar determinadas experiências, os futuros docentes estariam mais preparados para lidar com a escola e a docência.

O constante processo de apreciação e fruição artística permitiria, de acordo com Moraes (2012,2013), por exemplo, que os futuros docentes podem ter uma possível experiência estética capaz de levá-los a “um progressivo processo de apreensão dos símbolos presentes nas obras” (MORAES, 2012, p.4). Não se trataria de uma formação artística, mas de conhecimentos que permitem a elaboração de um amplo repertório que seria capaz de gerar uma possível experiência de formação a partir da mobilização de saberes “referentes às artes na escola e em outros espaços educativos” (MORAES, 2013, p.8). Tal experiência é denominada por Nogueira (2008a/2008b) como a dimensão política da formação. Para a autora, isso seria possível por meio de um tipo de experiência “que acontece com o espectador no momento em que a Arte

acontece, no espaço e no tempo que está sendo fruída” (NOGUEIRA, 2008). A compreensão da arte e dos signos artísticos através de atividades que envolvam, por exemplo, poesia, música, práticas de ver fotografias e visita a exposições de arte seriam imprescindíveis para os docentes em formação visto que, assim, são oferecidas distintas visões das realidades por meio de exercícios que agem na dilatação dos limites dos saberes da didática e dos fundamentos pedagógicos da ação docente.

O lastro teórico que sustenta essa tendência é mais diversos e coloca em relação os pensamentos de Friederich Schiller e João Francisco Duarte Junior, ou que relaciona Ernest Fischer, Louis Porcher e Theodor Adorno. Em comum, as autoras apresentadas nessa tendência apontam que a relação entre arte e formação docente poderia permitir um tipo de experiência estética, formativa, capaz de favorecer um crescimento e uma elevação moral alcançados pela ampliação e pelo aperfeiçoamento do olhar. A noção de arte implicada nesse entendimento é aquela da arte “libertadora”, porque “desaprisiona” o indivíduo, uma vez que, por meio de tais práticas, ele seria transformado e, assim, o seu modo de pensar a ação docente também seria modificado.

A tendência denominada de *a estética como linguagem expressiva* teve condições de emergência em texto em que são descritas algumas práticas denominadas de vivências estéticas ou artísticas na formação e que seriam, de acordo com as autoras e autores, capazes de oferecer certo tipo de prazer que tornaria a aprendizagem melhor. Na perspectiva apontada nessa tendência, a experiência com a arte seria capaz de marcar a forma como o futuro docente vai conduzir a si mesmo. Aqui, a arte é entendida como uma forma de mobilização dos “sentimentos humanos”, sendo responsável por produzir sentido “para tudo aquilo que se aprende e se faz”.

A relação entre o conhecimento artístico e a docência é abordada por Soares (2008) como algo imprescindível, pois através das vivências estéticas como a apreciação das formas artísticas, leitura de obras de arte, discussões de temas que envolvem processos de criação artística, visitas a ateliês e de propostas de experimentação de técnicas artísticas, seria gerado um estado muito sensível, a ponto de marcar o comportamento de docentes em formação. A vivência de uma prática “fantástica e instigante”, pode, de acordo com a autora, permitir ao futuro professor “conhecer o universo cultural do qual o aluno é oriundo” (COLARES, 2008, p.8). A perspectiva de formação defendida pela autora deve contemplar, além da dimensão da estética, da cultura e da beleza, um repertório de saberes que valorize uma dimensão comunicativa e comportamental, assim, os futuros docentes estariam sendo preparados para

“desvendar o mundo junto aos educados” (SOARES, 2008, p.2), através de um gesto de “ler e sentir a realidade”.

Nessa mesma esteira, Johhan (2015) questiona o que poderia a arte produzir enquanto uma experiência ético-estética na medida em que não privilegia o conhecimento da ciência, nem a fala ou a escrita, mas acolhe os diferentes modos de manifestação humana. Para a autora, a arte permite viver um tipo de experiência de acesso à verdade, capaz de ampliar os horizontes do sujeito que se vê diante de uma possibilidade autoafirmativa que é, ao mesmo tempo, dialógica, porque a especificidade da arte está em sua capacidade de nos colocar diante de algo que excede a cotidianidade. Assim, ela defende que mais importante que tematizar a estética na formação é assegurar a possibilidade de uma experiência de criação que contemple a questão da autoria, para que o docente em formação possa compreender a especificidade do ato de criação. Neste sentido, concede relevância às linguagens artísticas enquanto uma forma expressiva que está na experiência que pode advir delas como possíveis formas de compreensão e autocompreensão que não podem ser constrangidas por um tipo de “racionalidade instrumental”.

O uso de diferentes linguagens expressivas na formação docente também é defendido por Peixoto (2009,2010), uma vez que, por meio do fazer e do trabalho com os materiais e as técnicas seria possível o desenvolvimento da “consciência estética” dos docentes em formação, favorecendo, assim, uma possível formação estética. O sentido educativo da arte seria, de acordo com a autora, resultado “de um pensamento emocional inteiramente específico”, pois a arte seria um possível “caminho de conhecimento da realidade humana” (PEIXOTO, 2010, p.15), cuja potencialidade sensível seria natural a todos os seres. A aposta feita Peixoto sustenta-se em dois pilares: o primeiro é o do princípio da forma, aspecto objetivo e universal de todas as obras de arte; o segundo é o da criação enquanto uma ação “peculiar à mente humana”. Assim, a vivência pedagógica das práticas artísticas seria capaz de gerar um tipo de experiência imprevisível, singular e original, pois as práticas artísticas, sejam elas de apreciação/fruição ou da ação de produzir, seriam capazes de permitir ao indivíduo em formação chegar a uma verdade sobre si mesmo.

Nessa tendência, o papel da formação por meio das práticas artísticas seria o de permitir um encontro do indivíduo com a sua própria essência, escondida na interioridade do ser. Tais questões são defendidas pelas autoras e autores a partir da combinação de referências que colocam em relação autores de distintas áreas, sendo que, da educação, são citados Lev Vigotski, John Dewey e Bernardo Charlot, da arte são citados Herbert Read, Marli Meira e

Fayga Ostrower; da filosofia são citados Adolfo Sanchez Vásquez e João Francisco Duarte Jr.; da área da cultura são citados Néstor Garcia Canclini e Clifford Geertz; da Semiótica é citado Charles Sanders Peirce, além de autores que estudam a imaginação como Gilberto Durand e Carlo Ginzburg.

A *estética como experiência artística formal* é uma tendência cujos pontos de emergência aparecem em textos que descrevem práticas implicadas com a produção de algum tipo de visualidade ou a partir do acesso às práticas de leitura de imagem e às histórias e teorias da arte. Fazer um trabalho artístico é um imperativo da formação docente nessa perspectiva, pois é por meio de uma experiência de acesso formal à obra de arte que o indivíduo poderia reinventar a si e ao mundo.

A experiência de acesso formal (do ensinar e aprender a arte) seria, de acordo com Fonseca (2008), por exemplo, um meio para o docente em formação entender o mundo e ao mesmo tempo uma forma de relacionar-se com ele. O acesso de docentes em formação a “modelos variados” (FONSECA, 2008,p.3) favoreceria um tipo de relação entre o sujeito e o conhecimento artístico que permite ao professor “avaliar de fato as diferentes metodologias”, para que ele possa “escolher aquela que responda aos parâmetros da realidade” da qual faz parte. A experiência estética associada a um procedimento artístico provocaria, de acordo com a autora, uma modificação nos modos de ver e sentir dos docentes em formação, deixando, assim, um tipo de marca em seus modos de conduzir a si mesmo. Assim, uma experimentação poético-pedagógica seria uma forma de provocar aberturas no percurso formativo desses docentes em formação, permitindo que eles possam produzir um certo tipo de sentido para aquilo que é visto e vivido no percurso da formação.

Nessa mesma perspectiva, Dantas (2015) propõe um conjunto de exercícios denominados de “operações estratégicas de desvio de práticas e os seus cotidianos”, tal elaboração foi feita com o intuito de pensar a construção do conhecimento na formação de professores de artes visuais a partir de uma ação de percepção do cotidiano como uma estratégia para a produção de narrativas, na qual o estágio, por exemplo, passa a ter um “potencial espacial de visibilidade do (...) ambiente de ensino, seja ele a sala de aula, a escola ou comunidade” (DANTAS, 2015,p.3051). O eixo que movimentou as práticas desenvolvidas pela autora foi uma investigação de técnicas e materiais disponíveis nas regiões em que estavam localizadas as escolas de educação básica, onde os docentes em formação já atuavam, assim sendo, a aposta da autora foi fazer uma imersão cultural local a fim de extrapolar os limites dos conhecimentos

na tentativa de desenvolvimento de uma produção artística que levasse os docentes em formação a refletir sobre a sua própria prática.

Nessa tendência, o “fazer artístico” e a “experiência com a criação” fazem parte de um tipo de experiência que levaria o docente em formação a entender como ensinar arte, pois o desenvolvimento das “capacidades” do “rigor” e do “julgamento” a partir da realização de seu próprio trabalho levariam-no ter “consciência” sobre os limites e as possibilidades da docência em artes visuais. A experiência formal, além de ser uma necessidade do docente em formação, seria antes de tudo “imprescindível à vida humana”. Tais questões são sustentadas pelo pensamento de autores como Ana Mae Barbosa, Rosa Iavelberg, Mirian Celeste Martins, Ana Claudia Oliveira, João Francisco Duarte Jr., Friedrich Shiller, Maria Felismina de Rezende e Fuzari e Maria Heloísa Corrêa de Toledo Ferraz, Giorgio Agamben e Michel de Certeau.

Essas quatro tendências formam um tipo de zona de tensionamentos a partir da aproximação e dispersão das noções de *arte* e de *formação*. Para compreender o que a aproximação ou o distanciamento dessas noções produzem é preciso desemaranhá-las das conexões que são estabelecidas nos textos que abordam as relações entre as artes visuais, a docência e uma possível formação estética. São três noções de *arte* que estão em um constante embate entre essas tendências. A primeira noção trata de uma arte desidentificada de um campo hermético de especialistas e concepções teórico-filosóficas. Entendida como intervenção, ela atua sobre a existência para indagar o que está em funcionamento, capaz de tornar visível o próprio visível. Ao problematizar esteticamente aquilo que somos, essa noção possui uma dimensão formativa. A segunda noção considera arte como uma forma de compreender a realidade: entendida como uma linguagem natural da humanidade, a arte configura-se, nessa linha, como experiência de acesso à verdade. Os docentes em formação ao conhecerem diferentes práticas artísticas teriam acesso a diferentes realidades. A terceira noção, por sua vez, considera a arte como um saber específico, ligado à variedade da cultura humana, entendida como uma forma libertadora, que produz sentido para tudo aquilo que se aprende e que se faz.

Em relação ao tema *formação*, é possível identificar duas noções em funcionamento. Na primeira noção, a formação é entendida como um trabalho coletivo, implicado na relação de si sobre si mesmo, mas que se constitui na relação com o outro. Nesse modo de pensar a formação, o que interessa é a possibilidade de experimentar diferentes práticas para que seja possível criar outros modos de viver a docência e a escola, trata-se de um modo de existir que se produz a partir de uma contaminação entre as dimensões da ética e da estética. Na segunda noção, a formação advém de um gesto de descoberta de si mesmo e do mundo através das práticas

experimentadas ao longo da trajetória formativa. Essa noção estaria associada a uma ideia de *completude do ser* e indica um entendimento da formação enquanto um tipo de instrumentalização da performance docente. Essa seria uma noção linear de formação que aposta na certeza que as experiências vividas ao longo da trajetória formativa de um docente em formação serão todas transpostas para a sua ação docente.

Ao colocar em suspensão os materiais enunciativos encontrados nos textos, emergem duas fragilidades sobre a formação docente. A primeira fragilidade é que uma possível experiência estética vivida durante a trajetória formativa de um docente teria, como principal objetivo, suprir aquilo que o curso de licenciatura não oferece, isto é, permitir ao docente em formação o entendimento da dimensão ética e política da docência. A segunda fragilidade diz respeito à ideia de que se mantém ainda um modelo artesanal de pensar a formação inicial de docentes, pois se aprende “vivendo”, “fazendo” e “repetindo” o que se fez durante a graduação.

Ao colocar em debate o tema da estética como uma dimensão da formação e analisar o que temos pensado e discutido sobre a formação de docentes de artes visuais não significa empreender uma busca por uma técnica, ou uma metodologia, ou ainda a criação de um mecanismo de captura de uma suposta essência do sujeito em formação, assim como não significa demarcar limites disciplinares. Antes disso, o que está em jogo é constituição de um espaço outro para a formação, em que seja possível ao docente em formação um movimento de fazer-se e desfazer-se em um gesto de inventar uma forma de existência que se assume em um constante processo de diferir-se de si mesmo, trata-se de pensar em um campo de possíveis, em que as experiências com arte podem vir a gerar processos formativos para a docência que levem o docente em formação a erigir uma atitude ética-estética e politicamente implicada consigo mesmo, com o outro e com o mundo.

Possíveis pistas para ampliar os limites entre a formação estética, a docência e as artes visuais

À guisa de concluir o texto é importante destacar que não se trata de escolher a partir de qual se pretende trabalhar, mas de colocar em suspensão a maneira como temos estabelecido as relações entre a formação estética, a docência e as artes visuais. O principal desafio a partir das questões aqui apresentadas é interrogar-se sobre *de que maneiras propor ações que coloquem em suspensão as operações que temos feitos com os saberes da arte e da educação na formação de docentes, de modo que nos seja permitido ampliar as possibilidades sobre como temos pensado a docência em arte?*

Diante disso, a nossa tarefa seria a de liberar espaços nas elaborações e discussões que temos realizado para que outras relações sejam experimentadas sem o compromisso de alinhar-se com aquilo que já existe na tentativa de fornecer novas respostas para interrogações que já conhecemos desde há muito tempo. Ao fazer isso, de algum modo, estaríamos possibilitando a emergência de um espaço para problematizar que noções de estética têm sido utilizada nos estudos sobre a formação estética docente, do mesmo modo, poderíamos problematizar que noções de arte e de docência têm guiados nossas pesquisas, estudos e discussões tanto na área da Educação quanto na área de Arte.

Provocar um deslizamento nas fronteiras das noções de estética, docência e artes visuais pode vir a ampliar as possibilidades da produção do conhecimento e dos modos de subjetivação no âmbito da Licenciatura em Artes Visuais. Ao fazer isso, podemos favorecer um giro em nossos modos de agir cotidiano, a partir de um gesto de desnaturalização sobre os nossos próprios modos de perceber, conhecer e viver na atualidade.

Com isso, também poderíamos *problematizar esteticamente* a formação docente a partir de aberturas provocadas nas fronteiras dos saberes que constituem as Licenciaturas em Artes Visuais, de maneira a expandir os limites das noções de arte, educação, escola e docência. Assim, possibilitaríamos que o currículo da formação docente em artes visuais pudesse ser pensado com espaços em que seja permitido aos indivíduos em formação a possibilidade de diferir de si mesmo, ao invés de confirmar as certezas do que se deve fazer ou como se deve agir no âmbito da docência em artes visuais. Em outros termos, trata-se de pensar em uma possível forma de orientação ético-estética e política de nossas práticas a partir de estratégias que se estruturam pelas artes (enquanto prática e não como obra) e que nos colocam em diálogo com as formas de vida comum.

Referências

BRASIL. *Resolução CNE/CP 1, de 18 de fevereiro de 2002*. Institui Diretrizes Curriculares Nacionais para a Formação de Professores da Educação Básica, em nível superior, curso de licenciatura, de graduação plena. Disponível em:

http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/rcp01_02.pdf . Acesso em 10 de março de 2017.

BRASIL. *PARECER CNE/CES Nº: 280/2007, de 06 de dezembro de 2007*. Diretrizes Curriculares Nacionais do Curso de Graduação em Artes Visuais, bacharelado e licenciatura. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/2007/pces280_07.pdf. Acesso em 19 de junho de 2016.

COLARES, Edite. Estética e profissionalização docente. *Anais do XIV Encontro Nacional de Didáticas e Prática de Ensino: Trajetórias e Processos de Ensinar e Aprender: lugares, memórias e culturas*. Porto Alegre – RS, 2008.

DANTAS, Giovana. Processos, materiais e técnicas no curso de licenciatura em artes da Plataforma Freire na região de Juazeiro – BA. *Anais do 24º Encontro da Associação Nacional de Pesquisadores em Artes Plásticas - “Compartilhamentos na Arte: Redes e Conexões”*. Santa Maria – RS, 2015. P.3049-3063.

DIAS, Rosimeri de Oliveira. Entre Licenciandos e Educantes: Caminhos polifônicos na formação inventiva de professores. In: *Anais da 32ª Reunião Anual da Associação Nacional de Pesquisadores de Pós-Graduação em Educação*. Caxambu – MG, 2009

FARINA, Cynthia. Arte e formação: uma cartografia da experiência estética atual. *Anais da 31ª Reunião Anual da Associação Nacional de Pesquisadores de Pós-Graduação em Educação*. Caxambu – MG, 2008a.

FARINA, Cynthia. Formação Estética, Saber, Subjetivação, Contemporaneidade. *Anais do XIV Encontro Nacional de Didáticas e Prática de Ensino: Trajetórias e Processos de Ensinar e Aprender: lugares, memórias e culturas*. Porto Alegre – RS, 2008b.

FARINA, Cynthia. Formação continuada e estética do descontínuo. Arte contemporânea e professoras de arte. In: *Anais da 33ª Reunião Anual da Associação Nacional de Pesquisadores de Pós-Graduação em Educação*. Caxambu – MG, 2010a.

FARINA, Cynthia. Formação Continuada, Experiência Estética, Políticas do Sensível e Outras Artes. *Anais do XV Encontro Nacional de Didáticas e Prática de Ensino: Convergências e tensões no campo da formação e do trabalho docente: políticas e práticas educacionais*. Belo Horizonte – MG, 2010. P.3-13b.

FARINA, Cynthia. O propriamente estético na prática pedagógica. *Anais do XVI Encontro Nacional de Didáticas e Prática de Ensino: Didática e Práticas de Ensino: compromisso com a escola pública, laica, gratuita e de qualidade*. Campinas – SP, 2012. 1-10.

FISCHER, Rosa Maria Bueno. *Trabalhar com Foucault: arqueologia de uma paixão*. Belo Horizonte. Autêntica, 2012.

FONSECA, Maria da Penha. A Experiência Estética na Arte Contemporânea. *Anais do 18º Congresso Nacional da Federação dos Arte-Educadores do Brasil: Arte/educação contemporânea: narrativas do ensinar e aprender artes*. Crato – CE, 2008. p.329-345.

FOUCAULT, Michel. *História da Sexualidade II; o uso dos prazeres*. Graal: Rio de Janeiro, 1994.

FOUCAULT, Michel. *Arqueologia do saber*. 7 ed. Forense Universitária: Rio de Janeiro, 2010.

FOUCAULT, Michel. Verdade e Poder. In: FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. 28 ed. Paz e Terra: Rio de Janeiro, 2014. p.35-54.

JOHANN, Maria Regina. Arte e educação: perspectivas ético-estéticas. In: *Anais da 37ª Reunião Anual da Associação Nacional de Pesquisadores de Pós-Graduação em Educação*. Florianópolis - SC, 2015.

LOPONTE, Luciana Gruppelli. Docência em diários: arte, escrita e subjetividades femininas. *Anais do XIV Encontro Nacional de Didáticas e Prática de Ensino: Trajetórias e Processos de Ensinar e Aprender: lugares, memórias e culturas*. Porto Alegre – RS, 2008.

LOPONTE, Luciana Gruppelli. Arte e estética da docência: inquietudes, criação e formação. *Anais do 19º Congresso Nacional da Federação dos Arte-Educadores do Brasil: Concepções Contemporâneas*. Belo Horizonte – MG, 2009. p.650-658

LOPONTE, Luciana Gruppelli. Arte Contemporânea, inquietude e formação estética. *Anais do XV Encontro Nacional de Didáticas e Prática de Ensino: Convergências e tensões no campo da formação e do trabalho docente: políticas e práticas educacionais*. Belo Horizonte – MG, 2010. P.13-24.

LOPONTE, Luciana Gruppelli. Arte contemporânea, experiência estética e formação docente. *Anais do XXII CONFAEB Arte/Educação: Corpos em Trânsito*. São Paulo – SP, 2012. P.1-12

MOMOLI, Daniel Bruno. *Regimes de circulação dos saberes: arte, docência e formação docente*. 2019. 199f. Tese (Doutorado em Educação) -Programa de Pós-graduação em Educação da Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS, 2019.

MORAES, Ana Cristina de. O corpo-educador do artista-pedagogo e político na intenção de uma educação estética. In: *Anais da 35ª Reunião Anual da Associação Nacional de Pesquisadores de Pós-Graduação em Educação*. Porto de Galinhas – PE, 2012 a.

MORAES, Ana Cristina de. Experiências estéticas em arte-educação no curso de Pedagogia da UECE/FACEDI. *Anais do XXII CONFAEB Arte/Educação: Corpos em Trânsito*. São Paulo – SP, 2012. p.1-12b

MORAES, Ana Cristina de. Educação estética na universidade e o construto de impulsos lúdicos. In: *Anais da 36ª Reunião Anual da Associação Nacional de Pesquisadores de Pós-Graduação em Educação*. Goiânia - GO, 2013.

NOGUEIRA, Monique Andries. Experiências Estéticas Em Sala De Aula: Possibilidades Na Formação Cultural De Futuros Professores. *Anais da 31ª Reunião Anual da Associação Nacional de Pesquisadores de Pós-Graduação em Educação*. Caxambu – MG, 2008a.

NOGUEIRA, Monique Andries. Experiências estéticas em curso de didática: a formação cultural dos futuros professores. *Anais do XIV Encontro Nacional de Didáticas e Prática de Ensino: Trajetórias e Processos de Ensinar e Aprender: lugares, memórias e culturas*. Porto Alegre – RS, 2008b.

PARAÍSO, M. A. Metodologias de pesquisas pós-críticas em educação e currículo: trajetórias, pressupostos, procedimentos e estratégias analíticas. In: MEYER, D. E. PARAÍSO, M. A. (org.). *Metodologias Pós-Críticas em Educação*. Mazza Edições: Belo Horizonte, 2012, p.25-47.

PEIXOTO, Maria Cristina dos Santos. Caminhos Investigativos na Formação Estética de Professores (as) In: *Anais da 32ª Reunião Anual da Associação Nacional de Pesquisadores de Pós-Graduação em Educação*. Caxambu – MG, 2009.

PEIXOTO, Maria Cristina dos Santos. Trabalho Docente: Percursos Investigativos na Formação Estética de Professores/as. *Anais do XV Encontro Nacional de Didáticas e Prática de Ensino: Convergências e tensões no campo da formação e do trabalho docente: políticas e práticas educacionais*. Belo Horizonte – MG, 2010. P.14-25.

PEREIRA, Marcos Vilella. *Estética da Professoralidade: um estudo crítico sobre a formação do professor*. Editora da UFSM, 2016.

SILVA, Everson Melquiades Araujo. *A formação do arte/educador: Um estudo sobre história de vida, experiência e identidade*. Recife: UFPE, 2010. 285 f. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2010.

SOARES, Maria Luisa Passos. Uma vivência estética: Professoras visitam exposição de artes visuais. *Anais do XIV Encontro Nacional de Didáticas e Prática de Ensino: Trajetórias e Processos de Ensinar e Aprender: lugares, memórias e culturas*. Porto Alegre – RS, 2008.

VIDAL, Fabiana Souto Lima; ARAÚJO, Clarissa Martins de. Os ditos e escritos acerca da formação estética de professores(as): um olhar para as pesquisas acadêmicas. *Anais do XXIV Congresso Nacional da Federação dos Arte/Educadores do Brasil: Arte- Contemporânea: metamorfoses e narrativas do ensinar/aprender*. Ponta Grossa – PR, 2014. p.1-15.